

CORREIO CULTURAL



Oseias Brabosa/Divulgação

Leonardo Bora e Gabriel Haddad diante da escultura

Da Marquês de Sapucaí para o museu

“Casa Fluminense”, coletiva com obras de 60 artistas de diferentes regiões do estado em cartaz na Casa Brasil, tem entre seus destaques uma escultura que passou pelo Sambódromo no último carnaval. Trata-se de “Pierrô Apaixonado”, obra que integrou a quarta alegoria do desfile do GRES Unidos de Vila Isabel com enredo em homenagem ao multiartista Heitor dos Prazeres.

Seus criadores, os carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora, acreditam que não existem fronteiras entre as chamadas artes carnavalescas e a arte contemporânea. “Deslocada do contexto da avenida, uma escultura de carro alegórico se transforma em outra coisa, podendo adquirir diversos novos significados. A escala muda, o nosso olhar é desafiado”, destaca Bora.

Procura-se talentos

A Pallas Editora abre nesta segunda (13) as inscrições para a edição 2026 do Prêmio Pallas de Literatura, iniciativa criada em 2024 para descobrir e impulsionar novos autores negros na cena literária brasileira. Neste ano, a premiação traz uma mudança importante: pela primeira vez, o concurso será dedicado a livros de contos inéditos, ampliando as possibilidades de participação de escritores em diferentes momentos de suas trajetórias. As inscrições serão realizadas apenas pelo site www.premiopallas.com.br até 29 de maio.

Presença ancestral

Durante o mês de abril, o Gomeia Galpão Criativo, em Duque de Caxias, será palco de dois grandes encontros culturais: a Vivência de Maracatu e o 14º Unificando Saberes – Presença Ancestral, encontro nacional do Grupo Unificar de Capoeira Angola (GUCA).

Presença ancestral II

A programação fortalece saberes ancestrais, amplia a formação artística e contribui para a valorização das culturas negras na Baixada. Nesta segunda e terça (13 e 14), das 18h às 21h, ocorre a Vivência de Maracatu, comandada por Mestre Fabinho, da Estrela Brilhante do Recife.

Um musical pro Zeca Pagodinho

O projeto Viva Xerém! está desenvolvendo o espetáculo cênico-musical “Viva o Zeca”, uma homenagem a Zeca Pagodinho, idealizador do Instituto que leva seu nome onde a iniciativa é realizada. Pela primeira vez, o artista será o tema central de um espetáculo realizado pela instituição. A produção vai percorrer diferentes momentos da trajetória do cantor.



Guto Costa/Divulgação



AF Rodrigues/Divulgação

Pierre Aderne e os músicos do coletivo Rua das Pretas na Casa de Darcy Ribeiro, em Maricá

Samba, ijexá, fado e capoeira sem hierarquia

Novo projeto de Pierre Aderne e do coletivo Rua das Pretas, álbum ‘Povo Brasileiro’ reúne músicos de Brasil, Cabo Verde e Portugal

esmagou e ao que ele criou. O título “Povo Brasileiro” relê simbolicamente as rotas atlânticas, uma “lavagem” das caravelas no seu regresso ao Rio, conduzida por músicos que compartilham a língua portuguesa em suas variações.

Rua Das Pretas funciona como um espaço cultural itinerante há 15 anos. Pierre Aderne aproximou a música do Brasil, Portugal e África através de turnês por salas portuguesas como Coliseu dos Recreios e Coliseu do Porto, além de apresentações pela Europa e Estados Unidos. O projeto acumula colaborações com artistas como Seu Jorge, António Zambujo, Melody Gardot, Tito Paris e Sara Tavares. Em 2012, Aderne realizou o longa “MPB - Música Portuguesa Brasileira”, seleção oficial do Festival do Rio e premiado no Douro Film Harvest.

O nome Rua Das Pretas remonta a Lisboa do século XVI: há 500 anos, mulheres negras carregavam água das fontes pelas ruas da cidade. A rua, fundada em 1567, tornou-se símbolo dessa circulação de pessoas e culturas. Quando Aderne se mudou para lá em 2011, sua casa virou ponto de encontro de artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Carminho e José Eduardo Agualusa — um espaço onde a música brasileira, portuguesa e africana conversavam naturalmente.

“Povo Brasileiro” também ganha versão em curta-metragem e será apresentado em shows confirmados: 12 de maio em L’Ermitage, Paris, e 24 de maio na Praça XV durante o Festival Remexe Rio — Um Manifesto da Língua Portuguesa. O álbum está disponível em plataformas digitais.

AFFONSO NUNES

Pierre Aderne volta a cruzar o Atlântico pela música. Desta vez, o projeto Rua Das Pretas lança “Povo Brasileiro”, um álbum que parte de um texto do antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997) para investigar como se formou o Brasil — não por uma viés nostálgico, mas pelas fricções, rupturas e encontros forçados de raças que moldaram o país. Quase como um “Buena Vista Social Club” brasileiro, este achado musical reúne músicos de três continentes unidos pela língua portuguesa: brasileira, portuguesa e cabo-verdiana.

Gravado em junho de 2025 na Casa Darcy Ribeiro, em Maricá — a residência projetada por Oscar Niemeyer inspirada nas aldeias Tupinambá —, o álbum é uma obra de criação que entrelaça samba, samba de roda, ijexá, mornas, fados, capoeira e pontos de candomblé sem estabelecer hierarquias entre eles. As letras são de Pierre Aderne e as melodias de Moacyr Luz, com exceção de algumas composições que envolvem também Kiko Horta e Aldir Blanc. A direção musical e os arranjos ficam a cargo de Kiko, que assina a produção ao lado de Aderne.

As canções deste trabalho serão apresentadas ao vivo pela



Divulgação

primeira vez em 12 de Maio, no L’ermitage, em Paris. No dia 24, Aderne e Rua das Pretas participarão do Festival Remexe Rio — Um Manifesto da Língua Portuguesa, na Praça XV.

O elenco que participou da gravação inclui a cantora cabo-verdiana Zulu, a fadista portuguesa Ana Margarida Prado, o multi-instrumentista Nilson Dourado, a flautista Leticia Malvares, Jurema De Candia e integrantes do Cordão do Boitató — Paulino Dias, Quininho da Serrinha, Edu Neves, Aquiles, Everson Moraes, Bruno Aguilar e Tadeuzinho. Na seção de cordas, aparecem Luis Barcelos e Carlinhos 7 Cordas.

A questão que move o projeto é explicitamente política. Na visão de Darcy, o Brasil nasceu da violência, dos encontros forçados, da resistência e da recomposição. Aderne transpõe essa tensão para a música: em vez de “contar a história”, ele dá voz às fricções — ao que o Atlântico